

Teatro e dança com alunos surdos II

Coordenação: Prof. Dr. Sergio Andrés Lulkin

Autoria: Marcia Berselli

“Teatro e dança com alunos surdos II” se realiza na Escola Municipal de Ensino Fundamental de Surdos Bilíngue Salomão Watnick, em Porto Alegre. O objetivo principal da ação é investigar os princípios da dança Contato Improvisação relacionados a jogos teatrais para desenvolver práticas cênicas com alunos surdos. Nossos encontros acontecem uma vez por semana, com a duração de uma hora e quinze minutos. Alguns dos alunos participaram da Ação de Extensão I, em 2013, e outros iniciaram no presente ano. A Ação é coordenada pelo professor Dr. Sergio Lulkin, da Faculdade de Educação (FACED/UFRGS), e as oficinas são organizadas e facilitadas por Marcia Berselli, mestranda em Artes Cênicas (PPGAC/UFRGS). Contamos, até o presente momento, com dois bolsistas, Luísa Prestes e Maurício da Silva Pflug, responsáveis pelos registros em foto e vídeo, e posterior edição dos materiais. Os produtos desses registros são compartilhados entre os pesquisadores envolvidos na Ação, em um primeiro momento, e em um segundo momento são apresentados aos participantes, através de plataformas *online*. Há ainda um terceiro momento de compartilhar, quando os vídeos são exibidos aos professores da Escola e pais dos alunos.

Nossos encontros iniciam com uma *conversa*, seguida de um *aquecimento de articulações* e de uma *massagem/manipulação coletiva*. Esse primeiro momento tem o objetivo de sensibilizar e ativar os corpos. Seguimos então para um exercício que envolva *caminhadas pelo espaço*, o trabalho com *níveis, pausas, direções e compartilhamento de peso* entre os colegas. A partir do cruzamento de práticas teatrais com princípios do Contato Improvisação as propostas apresentadas buscam o desenvolvimento de competências técnicas necessárias à criação, e que serão atualizadas nos jogos e na construção de composições cênicas. Passamos então a algum jogo que engaje de forma mais efetiva o imaginário dos participantes, através da construção de imagens que surgem de organizações corporais, em estruturas de *escultura, fotografias, moldagem dos corpos em objetos*, etc. A trajetória da aula é construída de forma a que sempre exista um momento, no qual construímos uma pequena *composição*, buscando recuperar elementos evidenciados nos exercícios e jogos. Após a composição, retomamos nosso *diário de bordo*, um caderno que fica sob a responsabilidade de um aluno a cada encontro, com o objetivo de fazer o registro da aula através de frases ou palavras, desenhos, cores, formas, recortes, etc. Tendemos assim a criar uma memória concreta e compartilhada dos encontros. Na *conversa final*, retomamos as atividades do encontro anterior, ao compartilharmos o que foi registrado no diário, e temos acesso à percepção de cada aluno sobre as atividades realizadas. O aluno, dessa forma, é convidado a refletir sobre o encontro construindo também um saber sobre a prática. Finalizamos a aula de mãos dadas, com a *passagem de energia em círculo*. A trajetória que se mantém em um contínuo, com elementos sendo

acrescentados a cada encontro a partir da estrutura inicial, permite uma apropriação das atividades, gerando assim uma flexibilização de funções estabelecidas: o aluno – quem aprende – e o professor – quem ensina. Dessa forma, o que pretendemos desenvolver são encontros nos quais a função de professor é transformada em direção a um facilitador do processo. O termo, recorrente em discursos a respeito do Contato Improvisação, evidencia um sujeito que, mais do que ensinar algo, compartilha de um conhecimento previamente adquirido, ao mesmo tempo em que o transforma no diálogo com outros sujeitos e seus saberes. Assume-se, assim, que cada participante possui um repertório de saberes inscrito em seu corpo, a partir de sua trajetória: práticas artísticas, vivências sociais e convívios diários.

A partir das práticas sob as quais se funda nossa reflexão, há uma proposta de desconstrução ou reconstrução de padrões fortemente estabelecidos no contexto escolar do aluno surdo. O binômio autonomia/heteronomia remete à avaliação que permeia o ambiente escolar, no qual as trajetórias dos alunos se desenvolvem com o objetivo de “acertar”, de chegar à resposta final esperada pelo professor. Diversas situações vivenciadas em nossos encontros expõem a fragilidade do aluno que é instigado à autonomia – nas escolhas cotidianas, no convívio social, na construção de saberes e principalmente na construção de si enquanto sujeito – mas está constantemente dependendo da avaliação de um outro. Esta forma mostra o desenvolvimento desses sujeitos marcado por um processo de avaliação binário – há *um certo* e há *um errado* – construído dentro de uma lógica linear: causa/consequência – resultado. No desenvolvimento da Ação de Extensão chegamos a procedimentos que auxiliam os participantes na prática cênica. Nos ajustamentos de jogos e exercícios, desenvolvidos em um primeiro momento para ou por ouvintes, são construídos procedimentos didáticos para que a realização das propostas seja possível. Evidencia-se então que na prática cênica com participantes surdos, os jogos e exercícios não são apenas traduzidos para LIBRAS, mas há uma série de ajustamentos e novas organizações que, com a prática e a reflexão, levam a transformações de propostas e abrem caminho a possibilidades criativas fundadas na cultura, vivências, desejos e possibilidades dos participantes. Estes se evidenciam como sujeitos da prática, apontando sua propriedade em relação às atividades quando, por exemplo, compartilham de uma proposta com outros colegas que não participam das oficinas de teatro e dança, com pais e professores. Quando propõe uma atividade, primeiramente desenvolvida na oficina, a uma pessoa “externa” ao grupo da Ação, o participante se afirma como sujeito efetivo de uma prática, explicita suas potencialidades perante outros e avança sobre certos padrões que ainda evidenciam a dependência e a falta de habilidade (ou inabilidade).

Destaca-se ainda a participação da pesquisadora em eventos sobre arte e educação, além de publicações em revistas especializadas na área, o que permite o compartilhamento da produção acadêmica e os desdobramentos da Ação de Extensão.